

## O outro possível: a poesia de Armando Freitas Filho em diálogo com CDA

Mestranda Mariana Rezende Gontijo Campos<sup>1</sup> (UNINCOR)

### Resumo:

*Medindo-se com poetas modernos, em especial CDA, Armando Freitas Filho reconhece nele a exata velocidade para medir a máquina do mundo. A ânsia em busca do outro, da similitude é marcada em sua poesia. Para o poeta há sempre algo oculto que não se define. Contudo, a partir das questões que surgem no poema tentarei problematizar o intervalo que mantém o eu – poético em consonância com o (tornar-se) outro, baseado na Fenomenologia da Alteridade do filósofo Levinas. O corpus da pesquisa a ser analisado é constituído pelos poemas publicados em Numeral/ Nominal e Raro Mar. Nesse sentido, reflito a questão do tempo como fundamento que possibilita nessa busca ao outro uma mudança. Qual o sentido que AFF confere à apropriação que faz dos poemas drummondianos? Que enigma é esse que constantemente o eu - lírico procura solucionar?*

**Palavras-chave:** poesia contemporânea, tempo, alteridade.

### Introdução

Armando Freitas Filho publica seu primeiro livro *Palavra* em 1963. Influenciado pela poesia práxis, publica *Dual* (1966) e *Marca Registrada* (1970). Continua publicando até os dias de hoje. Em seus primeiros livros, dedica poemas a Drummond e, explicitamente, cita alguns versos deste poeta em suas epígrafes. Contudo, apenas em 2006, com *Numeral/Nominal* é que dialoga com o poeta abertamente “pegando-o pela gola”.<sup>1</sup>

As possibilidades de relações que o poeta Armando Freitas estabelece com a poesia e mundo, poesia e tempo, poesia e o outro, multiplicam as diferentes maneiras de interagir com a palavra escrita na nossa sociedade. Amplia, assim, as múltiplas facetas de compreensão do ser, a percepção de seu lugar no mundo e sua convivência com o outro. Foi nesse sentido o motivo pela escolha deste poeta, também pelo constante diálogo com Drummond, trazendo para a leitura da poesia contemporânea um pouco de sua herança.

A poesia de Armando Freitas Filho possibilita ao seu leitor uma compreensão do dialogismo que se constrói entre os homens na construção de si próprios. Proporciona perceber a dureza da vida, a dificuldade de estar no mundo, de se mostrar e fazer entender. Com isso deve se ir além das coisas passageiras e ver o belo, o que é perene.

Através de seu fazer poético que está em constante diálogo com a contemporaneidade e no resgate deste poeta moderno torna-se significativa essa análise, pois proporcionará reflexões sobre essa nova forma de discursar com o outro, trazendo-o em corpo e escrita.

Enquanto não delineava minha linha de pesquisa, cheguei a pensar que Armando Freitas Filho estava num retorno a Drummond. Porém, retornar significa uma volta, um regresso, e a produção poética fica condensada nessa lembrança e, não era bem isso o que esse poeta fazia.

Ao analisar esse percurso de pesquisa e estudar as alterações indispensáveis ao seu reinício, cheguei à elaboração de um novo projeto que pretende, de agora em diante, refletir além das

---

<sup>1</sup> Fala de Armando Freitas Filho em entrevista concedida a Sociedade Psicanalítica Freudiana, no Rio de Janeiro, em novembro de 2007.

questões ligadas a crítica poética as ligadas à contemporaneidade, como: paródia, pastiche, paráfrase, intertextualidade...

As questões que me inquietavam havia um bom tempo ganhavam, assim, um novo contorno: a relação poesia/contemporaneidade só poderia se efetivar através do quesito da referencialidade. Não seria possível uma articulação que privilegiasse algo diferente da intenção de alguns poetas contemporâneos de não referencializar sua poesia?

Observamos que alguns críticos vêm a poesia contemporânea sem referência e status, num período de impasses: o que é pós-moderno? O que é contemporâneo? Como é que a linguagem se prende à realidade?

Percebe-se que os valores poéticos se encontram em crise, numa situação conflituosa, pode-se reconhecer que alguns poetas contemporâneos como AFF indicam pontos de contato que causam interesse não num sentido de refluxo ao modernismo do séc.XX, mas de uma recuperação ativa de elementos que compõem ser reescritos, retornados.

Paralelamente a esse questionamento, vinha repensando o papel da literatura na contemporaneidade e seu objeto de estudo estético: a poesia.

Nesse percurso, em que pude compartilhar minhas inquietações com outros pesquisadores, um outro desejo começou a se insinuar: o de articular a poesia de AFF e a questão do tempo. Tive contato pela primeira vez com textos de Levinas sobre a alteridade e o tempo. Embora esse filósofo ser de uma área específica, acredito que se pode efetivamente estabelecer interlocuções com a literatura e a filosofia, nesse momento, em que a questão do tempo tanto nos sensibiliza.

O objetivo geral dessa pesquisa é refletir sobre a questão do tempo como modo do ‘para além do ser’ que diante da alteridade adquire seu sentido pleno.

O que se coloca em questão desde o início é a vontade, a ânsia do eu-lírico em resolver um enigma, um vestígio de algo que aconteceu. Esse vestígio é a marca de alguma coisa que foi, provavelmente que passou, e que assim deixou apenas um sinal de sua passagem, pode ser um indício de alguma coisa que foi perdida, mas que se conserva como um marca forte, trazendo-o numa certa proximidade, numa lembrança.

Antes de me deter em teorias e postulados que me levem a refletir sobre essas e outras questões levantadas, gostaria de focalizar, ainda que sucintamente, a questão do tempo, fator que desde cedo, tem marcado a trajetória poética de AFF.

Considerando a questão do tempo abordada por Levinas em o “Humanismo do Outro Homem”, o filósofo vê entre o um que eu sou e o outro pelo qual eu respondo que abre-se uma diferença sem fundo e amplia-se essa noção:

Não se trata, na proximidade, de uma nova “experiência”, oposta à experiência da presença objetiva: ou de uma experiência da presença objetiva: ou de uma experiência do “tu” produzindo-se após, ou mesmo antes, da experiência do ser, ou de uma “experiência ética” a mais da percepção. **Trata-se, antes, do questionamento da EXPERIÊNCIA como fonte de sentido**, do limite da apercepção transcendental, do fim da sincronia e dos seus termos reversíveis; trata-se da não-propriedade do Mesmo e, através de todas estas limitações, do fim da **atualidade**, como se o **intempestivo** viesse desordenar as concordâncias da representação. Como se essa estranha fraqueza fizesse estremecer e abalasse a **presença** ou o ser em ato. (LEVINAS, 1993, p.15)

O tempo a que me refiro e ao qual proporei reflexões é a idéia do “tempo” necessário para a constituição do ser, mas também como modo do “para além do ser”<sup>2</sup> que como relação do “pensamento” ao Outro<sup>3</sup>, surge – como pelo efeito de uma hipóstase – um sujeito transformado.

Como disse anteriormente a base epistemológica deste trabalho está na aproximação entre a literatura e a filosofia. Focando a Fenomenologia da alteridade, o filósofo Lévinas analisa a relação do Eu com o Outro<sup>4</sup> na dimensão de sua temporalidade e transcendência à imanência do ser, ou seja, é a saída do ser, ir para fora de si mesmo, escapando de sua imanência, em que o “eu se substitui ao mesmo e o outrem a outro”.<sup>5</sup> O tempo é considerado não como a percepção de duração, mas como transcendência, que é a abertura a outrem e ao Outro. Ao é o fato de um sujeito isolado e sozinho, mas é a relação do sujeito com outrem. Essa transcendência é tratada sob a perspectiva da diacronia. O tempo é abordado num dinamismo que nos leva para outro lado diferente das coisas que possuímos, como se houvesse no tempo um movimento para além do que é igual a nós. Como relata o filósofo:

O movimento do tempo entendido como transcendência ao Infinito do “completamente Outro” não se temporaliza de maneira linear, não se assemelha à retidão do raio intencional. Sua maneira de significar, marcada pelo mistério da morte faz um desvio ao entrar na aventura ética da relação com outro homem”.(LEVINAS, 2006, p. 03.)

Para Lévinas, a transcendência ao Outro se dá pela abertura à palavra do outro que emerge em meu mundo como um rosto. O outro se revela outro em seu rosto, mas manifesta ser infinitamente Outro pela sua palavra. A linguagem se torna, entretanto, apenas o espaço do encontro do Eu com o Outro: “a linguagem não é mera experiência, nem um meio de conhecimento de outrem, mas o lugar do Reencontro com o Outro, com o estranho e desconhecido do Outro”.<sup>6</sup>

Para aprofundar tal concepção filosófica, selecionei o poema “Releitura” para análise.

Fazendo um paralelo do primeiro verso do poema “Releitura” - “Quem relê Drummond é sempre um outro” - e do título observa-se uma tentativa de preencher uma lacuna, de estabelecer uma volta - que se constata também a partir do prefixo ‘re’. A escolha pela palavra ‘outro’, no segundo verso, nos remete a questão da alteridade, que assim nos leva ao que se discutia antes: o acontecimento como mudança, o encontro da vida. Não se sabe com certeza o que muda - “Mesmos olhos que ganham, a cada vez/ lentes melhores, ou é o olhar que vê por novo ângulo”. E nos últimos versos confirma novamente o que o encontro causa/ provoca, em quem dele se deixa inundar - “Drummond difere, desfere, divaga, diverso/ linha a linha, movendo seu traçado, de acordo/ com a transformação que se imprime em nós, impressentida.” Tudo acontece sem que ao menos seja notada a transformação.

Penna em prefácio a *Raro Mar* comenta que:

AFF parece ter ligado com um traço indissolúvel o poema à notação de pensamento do tempo. Escrever passa a ser, a cada vez, uma nova vez, a experiência datada e datável de acompanhamento e contagem diária do poema, redefinindo sempre a sua possibilidade rara e improvável a partir dessa anotação

<sup>2</sup> LEVINAS, Emmanuel. *O tempo e o Outro*. 2006.

<sup>3</sup> LEVINAS, Emmanuel. *O tempo e o Outro*. 2006.

<sup>4</sup> Essa palavra pode significar tanto a alteridade divina quanto o antropológicamente outro para além dos conceitos do eu.

<sup>5</sup> A distinção entre outrem e Outro poderia ser aventada, em certos contextos, tanto como a distinção entre o outrem antropológico e o Outro divino quanto a distinção, em outros contextos, entre outrem enquanto conceito do mundo do mesmo e Outro como alteridade transcendente à consciência do eu.

<sup>6</sup> POIRIÉ, François. *Emmanuel Levinas – Qui êtes-vous?* Lyon: La Manufacture, 1987, p. 21.

numérica ao mesmo tempo singular e repetida cotidianamente. (PENNA, 2006. p.09)

Já Bosi (2003. p.7) fala que a passagem do tempo para este poeta perpassa os poemas de forma sutil ou de forma dramática. Para ela, os objetos e a paisagem atestam o discreto entardecer, desde a mesa seca que outrora foi árvore com pássaro, até a sombra que avulta sobre a vida.

É através das lembranças do tempo vivido, dos encontros que marcaram e das inquietações que ainda provocam fazem com que o poeta não deixe a tradição de lado. Mesmo ter vivido com os poetas do modernismo, como: Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector... não os deixou de lado. Constrói seu universo poético na presença de todos eles; dedicando poemas ou usando de seus versos em suas epígrafes.

## **Conclusão**

Essa transformação só é possível com a presença do outro. De um outro, alter. Proporcionando, assim, ver de outra forma, sob vários ângulos, sob vários prismas.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BOSI, Viviana. *Máquina de escrever: poesia reunida e revista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- [2] FREITAS, Filho Armando. *Máquina de escrever: poesia reunida e revista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- [3] LEVINAS, Emmanuel. *O tempo e o Outro*. Tradução de André Luiz Pinto da Rocha, 2006. (ainda não publicado)
- [4] PENNA, João Camilo. *Raro Mar*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2006.

---

## **Autora**

<sup>1</sup> **Mariana Rezende Gontijo CAMPOS, Mestranda**  
Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR)  
nana\_letras@yahoo.com.br